

2017/12/03

## Uma nova fase para o Médio Oriente

Alexandre Reis Rodrigues

O tema principal das discussões sobre a instabilidade no Médio Oriente centra-se hoje na rivalidade entre o Irão e a Arábia Saudita,<sup>1</sup> questão que deixou de lado o “eterno” conflito palestino com Israel.



Não é um assunto novo da agenda regional, mas é um ponto que se tem agudizado ultimamente e pode gerar alterações significativas na geopolítica do Médio Oriente. Por um lado, pela recente mudança da postura saudita num esforço de abertamente se assumir como a potência líder para a região. Pelo outro, pela tentativa iraniana de tirar partido do sucesso alcançado na campanha contra o ISIS para alargar o seu espaço de influência regional, consolidando uma forte presença no Iraque<sup>2</sup> e na Síria onde as milícias apoiadas por Teerão deram um contributo importante para manter Assad no poder.

Para a Arábia Saudita, a movimentação em curso decorre da viragem decidida pelo atual Rei Salman, a partir do momento em que escolheu Mohammad bin Salman para seu herdeiro e este passou à concretização do projeto *Vision 2030* que, entre outros objetivos, visa colocar o país como o centro religioso do mundo árabe e muçulmano. É nesta base de natureza religiosa que se centra o conflito, com a Arábia Saudita a tentar não permitir que a legitimidade de liderança religiosa da Casa Saud seja posta em causa pelo esforço iraniano de se projetar no mundo como o modelo de estado islâmico.

Pelo lado de Teerão, trata-se de uma tentativa de pôr fim a um interregno de quase três décadas na procura de liderança regional, que se iniciou com a guerra Irão-Iraque (1980/1988)<sup>3</sup> e que as circunstâncias favoráveis acima referidas poderiam ajudar a terminar. É também uma oportunidade de consolidar uma via aberta para o Mediterrâneo, ligando Teerão a Beirute através do Iraque e Síria. (ver mapa ao lado)



<sup>1</sup> Arábia Saudita: população de 29 milhões (97% muçulmanos, 96% sunitas), PIB *per capita* 24.262 dólares, 2º lugar mundial em exportações de energia e 4º em despesa militar. Irão: 78 milhões (99% muçulmanos, 93% xiitas), PIB *per capita* 5.315 dólares, 4º lugar mundial como exportador de petróleo, 33º em despesas militares.

<sup>2</sup> Em parte, aproveitando o vazio deixado pela saída do grosso das forças americanas logo no início da administração Obama.

<sup>3</sup> Em que os iranianos sofreram um milhão de baixas,

Como irá evoluir esta questão no futuro próximo não depende apenas dos dois países. Depende de um puzzle geopolítico muito complexo cuja solução está, em graus variáveis, nas mãos de diferentes atores com interesses dificilmente conciliáveis.

Os aspetos da situação de que mais depende a evolução do panorama geopolítico do Médio Oriente são, muito abreviadamente, os seguintes:

1. A estabilidade no Iraque continua bastante dependente da colaboração das milícias iranianas que apoiam o Exército iraquiano para manter o ISIS à distância e desencorajar os *peshmergas* a lutarem pela independência do Curdistão. Bagdade tenderá a manter um alinhamento estreito com Teerão embora o tenha que gerir de forma a não pôr em causa o apoio americano de que também precisa.

2. A forma como tem evoluído a situação na Síria e a recuperação do controlo do território conseguida pelas forças governamentais, em que o apoio de milícias e Exército iraniano teve uma quota parte importante, permite a Teerão continuar a olhar para a Síria como um aliado chave para as suas ambições de liderança regional.

3. Enquanto a Turquia precisar de manter algum entendimento com o Irão para evitar que o sonho curdo de independência ganhe espaço na região, Teerão pode contar pelo menos com a passividade turca, como ficou provado na desistência de Ancara em exigir a queda de Assad. A situação pode alterar-se radicalmente se Ancara decidir dar prioridade ao seu projeto de se tornar uma potência regional, o que colocará a Turquia em competição direta com o Irão e Arábia Saudita.

4. A evolução da guerra no Iémen, onde o Irão e a Arábia Saudita se defrontam indiretamente, tem constituído um enorme revés para Riade, quer pela demonstração das limitações do seu poder aéreo, quer pela condenação internacional do recurso a uma estratégia de ganhar a guerra matando a população pela fome (sete milhões em perigo, segundo as Nações Unidas).

5. A desistência do primeiro ministro do Líbano em prosseguir com a intenção de resignar acaba por ser um outro revés da Arábia Saudita face ao Irão. Riade não conseguiu levar o primeiro ministro *Hariri* a pagar o preço do "crime" de incluir no seu governo membros do *Hezbollah*, organização que, no princípio de novembro e em cimeira da Liga Árabe convocada pelo Rei Salman, foi classificada como organização terrorista.

6. Riade tem explorado com algum sucesso a posição de Israel, que defende uma postura mais agressiva contra o Irão e o fim do acordo nuclear, para abrir áreas de cooperação no campo militar e partilha de "intelligence". No entanto, Israel não tem condições para dar um efetivo apoio à Arábia Saudita em caso de confronto militar com o Irão porque as suas forças armadas não estão desenhadas para uma guerra de atrição.

7. A Arábia Saudita pode comprar praticamente todo o material militar que quiser porque tem poder financeiro para isso mas não tem conseguido transformar essa vantagem em ganhos de influência, nem mesmo no seio do Conselho de Cooperação do Golfo, de onde o Qatar "desertou" para uma aproximação ao Irão e a adoção de uma postura diferente em relação ao combate ao terrorismo. Não é claro – longe disso – que a superioridade militar dos sauditas, em termos tecnológicos e de modernidade, os coloque numa posição de vantagem perante as forças iranianas, mais experientes em combate e com recursos muito variados.

8. Riade, com os anúncios combate ao terrorismo *jihadista* e de democratização e modernização da sociedade civil, tem tido uma retórica que agrada ao Ocidente e em

especial aos EUA mas o apoio que essas medidas suscitarão não chegará certamente para ajudar a meter-se em “aventuras”, tendo como alvo direto o Irão. Não obstante o discurso abertamente anti-Irão de Trump, não é provável que o apoio americano vá além de garantir o fluxo livre e seguro das exportações petrolíferas. Riade sabe que para os EUA a Arábia Saudita será sempre um pilar da estratégia americana para o Médio Oriente mas será muito imprudente se contar com essa circunstância como um “seguro” contra todos os riscos.

9. É, finalmente, possível que a Arábia Saudita venha a beneficiar de um estreitamento de relações com a Rússia, na sequência da visita recente do Rei Salman a Moscovo. Embora o possível novo relacionamento tenha um ponto de partida de natureza financeira – que, de momento é o que interessa à Rússia para minimizar o impacto das sanções a que tem estado sujeita – é de esperar que venha a ser explorado também no campo geopolítico, principalmente pelo lado de Moscovo. Agora que a Rússia está mais próxima de ver concluído o seu esforço para pôr termo à guerra civil na Síria é provável que queira estender o seu papel no Médio Oriente tornando a Arábia Saudita devedora de uma posição russa menos crítica da intervenção saudita no Iémen e não intrusiva na crise que grassa no seio do Conselho de Cooperação do Golfo. Embora sejam sinais positivos para Riade não chegarão para lhe dar qualquer vantagem face Terrão.

Não é provável que, nos tempos mais próximos, se venha a assistir a alguma clarificação da situação. O confronto plítico-diplomático entre as duas potências vai continuar a arrastar instabilidade e a requerer uma cuidadosa intervenção americana apoiada numa estratégia consistente para a região, o que não tem havido.